

## **Pampa Sul-Americano segue perdendo a vegetação nativa**

*Perda de 9,1 milhões de hectares de campos nativos em 38 anos.*

**O Pampa Sul-Americano perdeu 20% de sua vegetação campestre entre 1985 e 2022, incluindo 9,1 milhões de hectares de campos nativos,** segundo a análise de imagens de satélite captadas no período pelo MapBiomias Pampa, uma rede colaborativa de especialistas da Argentina, Brasil e Uruguai. Os dados sobre as transformações deste bioma, que se estende por mais de um milhão de quilômetros quadrados entre Brasil, Argentina e Uruguai, ocupando 6,1% da América do Sul, foram divulgados hoje (28/11) pelos pesquisadores. A nova coleção de mapas anuais de cobertura e uso da terra é a mais completa já elaborada para o bioma e atualiza os dados da coleção anterior, lançada no ano passado.

Os dados revelam que **a vegetação nativa já cobre menos da metade do Pampa (47,4%).** A maior parte dela corresponde à vegetação campestre (32% do território), e que tradicionalmente é utilizada para a pecuária. Trata-se de um caso singular em que a produção animal e a conservação da biodiversidade geralmente integram sistemas produtivos com notável sustentabilidade ambiental. Apesar disso, **quase metade (48,4%) da região já teve a vegetação nativa convertida para o desenvolvimento da agricultura, pastagens plantadas ou silvicultura.** As **áreas de agricultura e silvicultura aumentaram 15%** no período, o que significa um **incremento de 8,9 milhões de hectares.** Em área, o avanço da silvicultura foi menor: 2,1 milhões de hectares. Mas isso representou um crescimento de 327%. Já a vegetação campestre nativa, que é a base para a produção animal, sendo a vocação natural do bioma, caiu de 44 milhões de hectares em 1985 para 35 milhões de hectares em 2022.

“Vários estudos indicam que o Pampa Sul-Americano, onde predomina a vegetação nativa não florestal, é um dos biomas menos protegidos e mais ameaçados do continente, exatamente por conta das grandes taxas de transformação na cobertura e uso da terra e dos baixos níveis de proteção de seus ecossistemas naturais”, explica Eduardo Vélez, da equipe MapBiomias Pampa. Apesar de em 1985, quando inicia o período mapeado, o grau de conversão da vegetação nativa já fosse alto (40% da região com agropecuária, silvicultura e áreas urbanas), as transformações nos últimos 38 anos seguiram ocorrendo, alterando ainda mais a paisagem. Ou seja, a região ainda não estabilizou o processo de conversão dos ambientes naturais em áreas antropizadas. As consequências disso são ruins para a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos, além de comprometer o potencial regional de produzir carne de modo sustentável, em escala, a partir da vegetação campestre típica do bioma.

### ***Brasil, maior perda proporcional***

O país que teve a maior perda proporcional de vegetação campestre foi o Brasil, com 2,9 milhões de hectares – o equivalente a 58 vezes a área do município de Porto Alegre (RS). Trata-se de uma perda de **32% da área existente em 1985 em apenas 38 anos**. O principal vetor dessa mudança é a expansão das áreas agrícolas para o plantio de soja. O uso agrícola do solo aumentou 2,1 milhões de hectares entre 1985 e 2022. A silvicultura, por sua vez, expandiu seu território em mais de 720 mil hectares nesse período - um aumento impressionante de 1.667%. Em 1985, a área total ocupada pelos campos era de 9 milhões de hectares e passou para 6,2 milhões de hectares em 2022.

### ***Argentina, maior perda absoluta***

Em termos absolutos, no entanto, as maiores perdas de vegetação campestre foram na Argentina: **3,7 milhões de hectares – o mesmo que 182 vezes a cidade de Buenos Aires**. Foi uma perda de 16% da área em 38 anos. Em 1985, eram 23,1 milhões de hectares; em 2022, 19,4 milhões. Assim como no Brasil, o principal vetor foi a expansão das áreas de agricultura e das pastagens plantadas com espécies exóticas. “O uso agropecuário do solo teve um aumento líquido de 3,4 milhões de hectares, sendo o resultado do aumento da área de agricultura, que chegou a 5,8 milhões de hectares, combinado com a perda de 2,4 milhões de hectares de pastagens plantadas”, comenta Diego Abelleira, do INTA-Argentina. A silvicultura, por sua vez, aumentou 317 mil hectares entre 1985 e 2022.

### ***Uruguai, maior área de silvicultura***

No Uruguai, a perda dos campos também foi muito relevante: **2,5 milhões de hectares, ou 47 vezes o departamento de Montevideú**. Foi uma queda de 20% em relação à área total de 1985, sendo um efeito combinado do avanço da agricultura e da silvicultura. Somente o uso agrícola do solo aumentou 42% entre 1985 e 2022, passando de 3,2 milhões de hectares para 4,5 milhões de hectares. Mas a grande mudança, em termos proporcionais, se deu na silvicultura, que expandiu sua área em 748%, passando de 143 mil hectares em 1985 para 1,2 milhão de hectares em 2022. A área de silvicultura no Uruguai já supera a área observada na região do Pampa da Argentina (775 mil ha) e do Brasil (762 mil ha).

### ***Destaques***

- O Pampa Sul-Americano ocupa 6,1 % (109,2 milhões de hectares) da América do Sul;
- 66% da área mapeada está na Argentina (72 milhões de hectares), 18% no Brasil (19,4 milhões de hectares), e 16% no Uruguai (17,8 milhões de hectares);
- A perda líquida de vegetação campestre entre 1985 e 2022 foi de 9,1 milhões de hectares;

- As áreas de agricultura e pastagens plantadas somadas cresceram 16%, de 43,2 milhões de hectares para 50,1 milhões de hectares e
- A área de silvicultura (os plantios de árvores exóticas) aumentou de 645 mil hectares para 2,8 milhões de hectares (aumento de 327%).

### ***Sobre o Pampa***

O Pampa Sul-Americano abrange a metade sul do Rio Grande do Sul, todo o Uruguai e parte da Argentina, ao sul do Rio da Prata. Trata-se de uma região com ocupação antrópica bastante antiga e que abriga três grandes metrópoles (Buenos Aires, Montevideu e Porto Alegre).

A biodiversidade do Pampa se caracteriza pelo predomínio da vegetação nativa herbácea, denominada de vegetação campestre, sendo que as florestas, embora presentes, ocupam naturalmente uma menor proporção. O clima da região varia de subtropical a temperado, com estacionalidade térmica pronunciada (invernos frios e verões quentes) e sem estação seca (a chuva ocorre em todos os meses do ano).

Por conta da oferta natural de recursos forrageiros da vegetação campestre abundante, a produção de gado de corte foi a atividade econômica característica da região nos primeiros séculos da colonização europeia, com forte influência sobre os costumes e a cultura regional. Entretanto, desde o século XX, o bioma vem sofrendo profundas transformações no uso da terra, especialmente pelo avanço da agricultura de grãos e, mais recentemente, pela silvicultura. Em função disso, seus ecossistemas estão entre os menos protegidos e mais ameaçados do continente.

### ***Sobre a Coleção 3 do MapBiomias Pampa Sul-Americano***

Com resolução de 30 por 30 metros e 8 classes na legenda, a Coleção 3 do MapBiomias Pampa Sul-Americano (1985-2022) abrange 109,2 milhões de hectares do bioma que ocupa 6,1% da América do Sul. A plataforma pode ser acessada em [pampa.mapbiomas.org](http://pampa.mapbiomas.org). As coleções do MapBiomias estão em contínuo desenvolvimento e aprimoramento. Os pesquisadores do Pampa Sul-americano, que recém-finalizaram a nova coleção ampliada e atualizada, já se debruçam sobre melhorias e novidades para novas versões.

### ***Sobre o MapBiomias Pampa Trinacional***

O MapBiomias Pampa Trinacional <https://pampa.mapbiomas.org/> é uma iniciativa que envolve uma rede colaborativa de especialistas da Argentina (Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria-INTA, Universidad de Buenos Aires e a ONG Fundación Vida Silvestre Argentina), Brasil (Universidade Federal do Rio Grande do Sul e GeoKarten) e Uruguai (Faculdade de Agronomia e Faculdade de Ciências

da Universidad de la República, Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria-INIA e Ministério do Ambiente). O projeto utiliza imagens de satélite Landsat (30 x 30 metros de resolução) e computação em nuvem por meio da plataforma Google Earth Engine (GEE) para produzir mapas anuais de cobertura e uso da terra com alta tecnologia e baixo custo. A iniciativa faz parte da Rede MapBiomass, iniciada em 2015 com o MapBiomass Brasil ([mapbiomas.org](http://mapbiomas.org)).

### ***Sobre MapBiomass***

Iniciativa multi-institucional, que envolve universidades, ONGs e empresas de tecnologia, focada em monitorar as transformações na cobertura e no uso da terra no Brasil, para buscar a conservação e o manejo sustentável dos recursos naturais, como forma de combate às mudanças climáticas. Esta plataforma é hoje a mais completa, atualizada e detalhada base de dados espaciais de uso da terra, em um país, disponível no mundo. Todos os dados, mapas, métodos e códigos do MapBiomass são disponibilizados de forma pública e gratuita no site da iniciativa: [mapbiomas.org](http://mapbiomas.org).

### ***Contato para imprensa:***

#### ***BRASIL***

AViV Comunicação  
Izabela Sanchez - 14 99643-4902 (whatsapp)

#### ***ARGENTINA***

INTA  
Diego de Abelleira  
[deabelleira.diego@inta.gob.ar](mailto:deabelleira.diego@inta.gob.ar)  
+54 9 11 6859-2459

#### ***URUGUAI***

Facultad de Agronomía - UdelaR  
Santiago Baeza  
[sbaeza@fagro.edu.uy](mailto:sbaeza@fagro.edu.uy)  
+598 99 901 271